

Ler&Contar

Acesso gratuito a contos inéditos de autores lusófonos, com ilustrações originais. O(a) jovem/professor(a)/pai/mãe/educador(a) vai ler o conto e, seguidamente, poderá contá-lo e oferecê-lo a uma criança que por sua vez o contará também, criando-o através da sua memória e da sua imaginação. Terá, ainda, em cada fascículo, um espaço reservado para fazer a sua própria ilustração.

Os autores dos contos que ofereceremos, à média de um por quinzena e com início a 10 de Maio, durante o ano 2020, são angolanos. De forma pro bono aderiram a este projecto que fará chegar a inúmeros leitores contos de escritores que são referência, a par dos de alguns valores emergentes no panorama da literatura lusófona.

Noitibó Confraria

Apostamos na criação de projectos de divulgação de autores.

Queremos fazê-lo de forma lúdica e imaginativa.

Autor

Octaviano Correia

Nasceu em 1940 no Lubango, Angola. Estudou no então Liceu Diogo Cão. Iniciou-se nas lides literárias nas páginas de jornais angolanos e como realizador do programa para crianças, "Parque Infantil", do Rádio Clube da Huíla (1967/1973). Membro fundador da União dos Escritores Angolanos, da Associação dos Escritores da Madeira e da Academia Angolana de Letras.

Na União dos Escritores Angolanos foi Secretário para as Actividades Culturais e Redactor da revista literária "Gazeta Lavra & Oficina". Foi Director do Instituto Nacional do Livro e do Disco de Angola de 1980 a 1981. Na Rádio Nacional de Angola realizou o programa para crianças "Rádio Pió", o programa "Onda da Manhã" e a rubrica de divulgação literária "Boa noite, Boa leitura". Tem 23 obras publicadas.

Ilustrador

Samuel Rego

Memórias de infância e adolescência: sempre de lápis na mão e cara salpicada de tinta. Seguiu o curso de Artes Visuais, pulando em seguida para a cidade de Caldas da Rainha; foi na ESAD.CR que aprendeu e desaprendeu o que é o design gráfico. Daí, rumou novamente a norte. Neste momento, está a concluir um mestrado em Design Gráfico e projectos editoriais na FBAUP (Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto).

Na Web

Sítio: www.lerecontar.com

Instagram: [@ler_contar](https://www.instagram.com/ler_contar)

Facebook: www.facebook.com/Ler-Contar

Ficha Técnica

Projecto: Glória de Sousa, Samuel Rego, Tomás Lima Coelho

Coordenação: Glória de Sousa

Autor do Conto: Octaviano Correia

Concepção Gráfica: Samuel Rego

Produção: Noitibó Confraria

Caracteres: Noto Sans/Noto Serif

Contacto: lerecontar2020@gmail.com

Colaboração: Débora Oliveira, Maria José Moreira, Paula Cochat, Teresa Brarens, Maria João Teles Grilo

Proibida a venda.



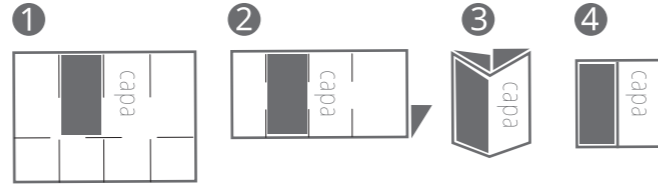
– Boa noite, senhor... – murmurou.
– Boa noite, mais Velho. O que faz por aqui a esta hora? Nunca o vi na aldeia...
– Estou cansado, tenho os pés feridos e não comi nada o dia todo. Vou para a próxima aldeia, mas é longe e a noite vem chegando.
– Pernoite na minha casa. Dou-lhe um prato de papas, água fresca, e trato das suas feridas.

2

O Velho fora maltratado e expulso da aldeia. Mas à saída encontra um homem de bom coração que o leva até sua casa. Ele e a mulher matam a sede e a fome do Velho, tratam-lhes as feridas e oferecem-lhe dormida.



Instruções de dobragem



LER & CONTAR

AS HISTÓRIAS DO AVÔ PANGUILA

OCTAVIANO CORREIA

O VELHO E O LAGO MISTERIOSO



A lavra havia já ficado para trás, na margem do rio. Cansado do trabalho, o homem ansiava por chegar a casa. O cheiro a fumo da aldeia despertou-lhe, ainda mais, essa vontade.

Na curva do caminho os cães vieram esperá-lo, distanciando-se e voltando em correria. Subitamente um dos cães parou. Orelhas levantadas, os olhos fixando um ponto para além da curva. Foi então que o Velho apareceu. Coberto de farrapos, coxeando, com um ar cansado e olhar triste.

1

O Velho chegara à aldeia ao fim da manhã. Uma aldeia próspera, as casas alinhadas, os terreiros limpos e os celeiros cheios. As lavras produziam milho e os arrozais davam grãos que chegavam para todos e sobravam para prevenir algum ano de fome. Tanta fartura endurecera o coração dos seus habitantes. As colheitas prosperavam, mas os homens tornaram-se cada vez mais gananciosos. Julgavam-se superiores aos habitantes das aldeias vizinhas, desprezavam os pobres e os mais velhos, olhavam com desconfiança os forasteiros e os viajantes.

Logo junto das primeiras casas os miúdos perseguiram aquele homem que caminhava com grande dificuldade, puxando os pedaços esfarrapados da sua roupa coberta de pó, imitando o seu passo arrastado. As mulheres injuriaram-no, atiraram-lhe lixo quando o velho estendia a mão, pedindo um pouco de água, os homens maltrataram-no. O chefe da aldeia, depois de o insultar, mandou que os guardas o escorraçassem e aticassem os cães que o feriram nas pernas e nos braços, despedaçando-lhe, ainda mais, as roupas que mal o cobriam. Gemendo a cada passo saiu da aldeia e, quando as forças já lhe faltavam, prestes a deixar-se cair de cansaço e fome, as palavras daquele homem na curva do caminho foram um bálsamo para as suas dores.

A casa ficava à entrada da aldeia. Bem cuidada e rodeada por grandes pés de mandioqueira, era uma casa pequena, que o homem vivia apenas do seu trabalho de agricultor e da venda dos ovos que a mulher trocava por carne seca.

- A comida não é muita, mas chega para quem precisar – disse a mulher, quando o marido lhe falou

do homem com quem se encontrara no caminho. O velho comeu uma tijela de papas, matou a sede e depois das feridas tratadas pediu que o deixassem descansar a um canto, no chão da casa.

- Em minha casa as visitas não dormem no chão. A nossa esteira está ali. Deite-se e descanse – e quando o sono tomou conta do cansaço do Velho, os donos da casa estenderam uma manta no chão e dormiram também.



A meio da noite, o homem sentiu uma mão sobre o seu ombro. Sobressaltado abriu os olhos e foi quando ouviu a voz do Velho segredando-lhe ao ouvido: «Daqui a quatro dias, olha o céu. Verás uma nuvem negra, o céu ficará mais escuro que a noite, mais negro que um túmulo. Arruma as tuas coisas, leva a tua mulher e, à tua frente, as cabras, os porcos e as galinhas. Cairá uma chuva como nunca viste, como nunca ninguém verá jamais. A aldeia será engolida pelas águas e com ela todos os seus habitantes. Vocês foram os únicos que me trataram com respeito, que mataram a minha fome e a minha sede e me trataram das feridas do corpo e da alma».

De manhã, quando os donos da casa acordaram, a esteira estava vazia.

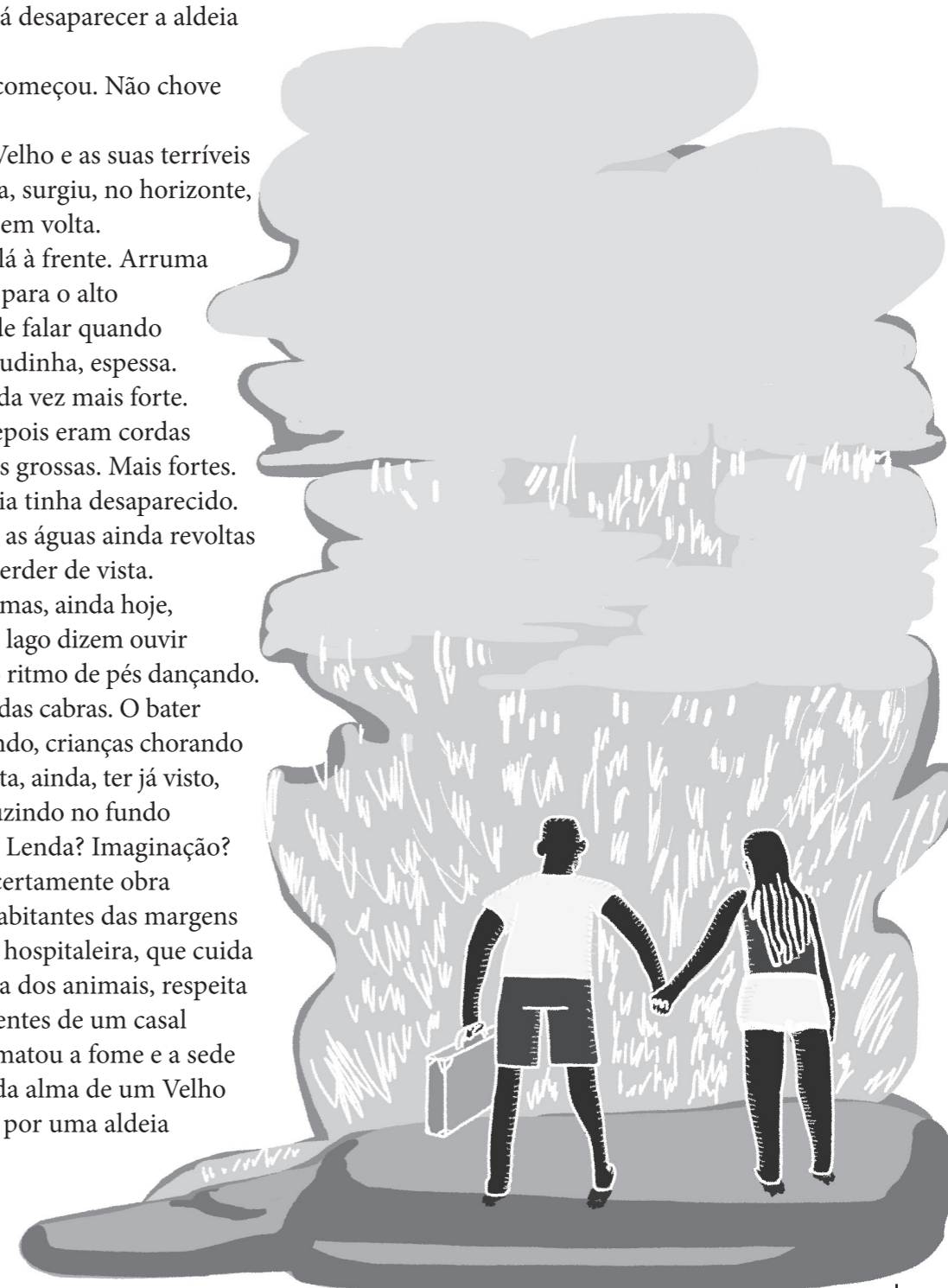
- Mulher, não sei se sonhei se aconteceu, mas à noite ouvi o Velho a dizer-me que uma nuvem negra irá surgir e uma grande chuva fará desaparecer a aldeia e todos os seus habitantes.

- Sonhaste. A estação seca já começou. Não chove tão cedo.

Já quase haviam esquecido o Velho e as suas terríveis palavras quando, ao quarto dia, surgiu, no horizonte, uma nuvem escurecendo o ar em volta.

- Mulher, olha aquela nuvem lá à frente. Arruma as nossas coisas, vamos partir para o alto das montanhas. Mal acabara de falar quando começou a cair uma chuva miudinha, espessa. E a chuva continuou a cair, cada vez mais forte. Mais pesada. Mais espessa. Depois eram cordas de água descendo do céu. Mais grossas. Mais fortes. Quando a chuva parou, a aldeia tinha desaparecido. Do alto da serra o homem viu as águas ainda revoltas de um enorme lago. Água, a perder de vista. Não sei se crença ou realidade mas, ainda hoje, os pescadores que navegam no lago dizem ouvir o som de um estranho canto, o ritmo de pés dançando. O grunhir dos porcos. O balir das cabras. O bater dos pilões. Mulheres conversando, crianças chorando ou brincando e há quem garanta, ainda, ter já visto, à noite, o brilho de fogueiras luzindo no fundo das águas. Crença? Realidade? Lenda? Imaginação? Quem saberá? Mas não será, certamente obra do acaso o facto de, hoje, os habitantes das margens do lago serem gente pacífica e hospitaleira, que cuida das lavras, pesca sustento, trata dos animais, respeita os forasteiros. São os descendentes de um casal que, um dia, há muitos anos, matou a fome e a sede e curou as feridas do corpo e da alma de um Velho que, faminto e doente, passou por uma aldeia

que as águas de uma chuva pesada e espessa cobriu para sempre.



3

4

5

**Cria aqui
a tua ilustração
do conto!
Digitaliza-a
e envia-a
para nós.**